



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DA FESTA: DESCORTINANDO SIGNIFICADOS

THE FEAST'S DIFFERENTS REPRESENTATIONS: UNVEILING MEANINGS

(Recebido em 01-05-2021; Aceito em 26-09-2021)

Denise David Caxias

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – Curitiba, Brasil
denisecaxias@id.uff.br

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo compreender as diferentes representações da Festa de São Pedro dos Pescadores de Jurujuba, Niterói, RJ, a partir da interpretação de mapas mentais. Partindo-se da concepção de que a Festa é uma produção social que gera vários produtos, materiais e imateriais, inclusive identidades, o propósito da pesquisa foi a compreender como os jovens percebem a Festa. Para isso, escolheu-se realizar uma atividade, em uma turma de 9º ano, ensino fundamental II, em um colégio estadual do bairro. Assim, buscou-se, aqui, compreender como os sujeitos vivenciam, significam e representam a Festa através da interpretação de imagens/mapas mentais dos estudantes. A partir da metodologia Kozel, que fundamenta-se na fenomenologia, e o suporte teórico dialógico com da geografia cultural, procurou-se, neste trabalho, relacionar os temas festa, identidade, representação, memória, imaginário e mapas mentais e evidenciar as dinâmicas da cultura, ressaltando a importância de não compreendê-la de forma engessada. A base proposta por Kozel (2001) (sujeito/signo/imagem) constrói uma representação simbólica que se busca aqui desenvolver a partir da decodificação dos mapas mentais feitos pelos estudantes. As ciências geográficas, linguística e psicologia social dialogam neste trabalho com o intuito de evidenciar que as representações são construções sociais e culturais.

Palavras-chave: Festa de São Pedro; Representação; Mapa mental.

Abstract

The present work aimed to understand the different representations of São Pedro dos Pescadores de Jurujuba Festival, Niterói, RJ, from the interpretation of mental maps. Starting from the conception that the Feast is a social production that generates several material and immaterial products, including identity, this research purpose is understanding how the Feast is perceived by youth. To reach it, an activity was chosen for the 9th grade class of the elementary school, in a public educational institution in the neighborhood. Thus, it was sought, here, to understand how the subjects experience, signify and represent the Feast through the interpretation of mental images / maps of the

students. Based on Kozel methodology, which is based on phenomenology, and the theoretical dialogic support of cultural geography, this work sought to relate the themes of feast, identity, representation, memory, imaginary, mental maps, and highlight the dynamics of culture, emphasizing the importance of not understanding it in a cast. The basis proposed by Kozel (2001) (subject / sign / image) builds a symbolic representation that is sought here to develop from the decoding of mental maps made by students. The geographic, linguistic, and social psychology sciences dialogue in this work in order to show that representations are social and cultural constructions.

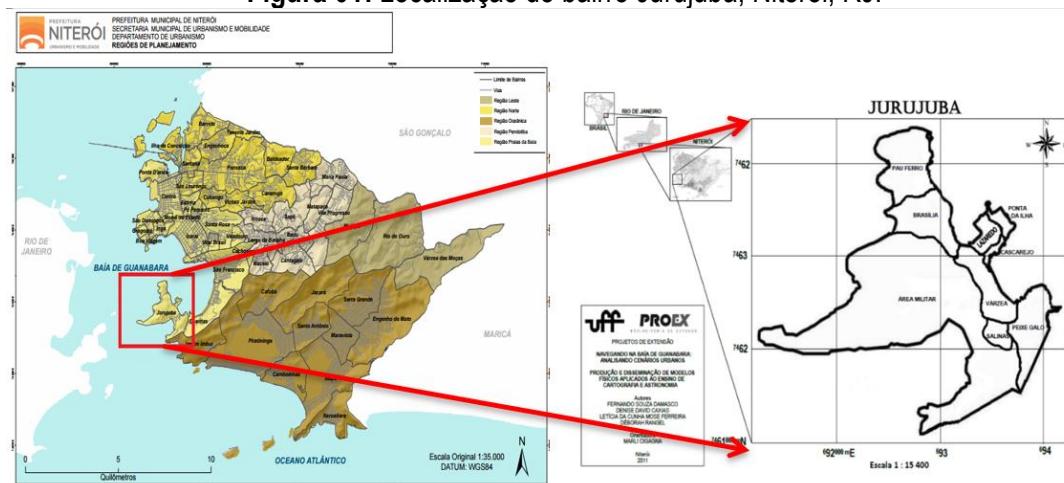
Key words: Feast of São Pedro; Representation; Mental map.

Introdução

Para Motta (2011, p.9) “não há festa estritamente individual. Toda festa implica comunhão de sentimentos. Toda festa implica vínculo social”, concorda-se com o autor. A festa é produto da identificação coletiva que produz e re-produz uma identidade cultural e territorial; ela é um polo agregador. Castells (1999) entende por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Compreende-se, portanto, a festa como uma construção orgânica da sociedade, na qual a sua criação é fruto das experiências individuais frente a um atributo cultural que a torna experiência coletiva, e a sua reprodução se dá por intermédio da celebração que, neste estudo de caso, justifica a resistência da memória identitária de um grupo social

O lugar escolhido para se compreender as dinâmicas da Festa é o bairro de Jurujuba, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro (figura 01). O bairro historicamente marcado pela presença militar, localizado à borda leste da entrada da Baía de Guanabara, possui quatro fortess, e esses foram fundados a partir do século XVI como estratégia militar de defesa nacional. Esses fortess constituem o maior complexo contínuo de fortess do país, são eles: Forte de Santa Cruz da Barra, São Luiz, Pico e Barão do Rio Branco. O bairro ainda carrega rugosidades, pois foi historicamente preservado por ter, em seu processo de ocupação, povos indígenas, colônia de pescadores e, hoje, possui um grande potencial de atividade de maricultura.

Figura 01: Localização do bairro Jurujuba, Niterói, RJ.



Fonte: Prefeitura Municipal de Niterói e Mapa Social Elaborado em campo (a autora) 2011 - (editados).

O bairro imaginativo e distinto frente à condição urbana de toda a cidade possui uma tradicional celebração a São Pedro que atrai turistas e devotos de todo o estado, e se expressa em meio a uma festa com procissão de 124 anos (JURUJUBA, 1896) e uma procissão marítima que estima-se ter aproximadamente 99 anos (INAUGURAÇÃO...; 1921) e segundo a história contada pelos moradores do bairro e a organização da Festa possui 97 anos (RIBEIRO, 2013).

A Festa é comemorada em torno do dia 29 de junho. Esta, em comemoração ao santo, dura cerca de três a cinco dias, de acordo com o ano e a estratégia organizacional¹. Na agenda da festa, o dia mais importante é o dia do santo, 29 de junho, que começa com a alvorada, às cinco horas da manhã, ao som da banda da Fortaleza de Santa Cruz, o forte mais próximo da igreja. Às seis horas inicia-se a primeira missa cujos corpos-devotos preenchem a pequena igreja. Às nove horas, ocorre a missa campal – dispõe-se na rua à frente da igreja cadeiras e o palco (onde acontecem os shows noturnos) é utilizado como um púlpito para a celebração da missa. Logo após dá-se início a procissão terrestre, percorrendo o trajeto da porta da igreja até o cais para iniciar a procissão marítima por toda a enseada de Jurujuba, percorrendo os principais pontos da cidade, conforme pode-se observar na figura 02.

¹ A data de início e fim da festa de São Pedro depende da festa de São João Batista. São João é o santo padroeiro da cidade e que dá nome a Catedral Metropolitana, no ano de 2017, por exemplo, a festa começou no dia 23 de junho, sexta-feira, e terminou no dia 25, domingo, sendo o santo celebrado no dia 24. A festa de São Pedro começou no dia do santo, 29 de junho, quinta-feira e durou até o dia 01 de julho, domingo. Há uma dependência de qual dia da semana acontecerá o início da festa, pois há necessidade de um tempo suficiente para os baraqueiros se deslocarem do centro da cidade de Niterói para Jurujuba, pois, em sua maioria, são os mesmos nas duas festas.

Figura 02: Trajeto da Procissão à São Pedro

**Procissão da Festa de São Pedro
dos Pescadores de Jurujuba
Niterói/ RJ, Brasil**



Fonte: A autora, 2018

A procissão marítima dura cerca de duas horas, e, durante sua passagem, pessoas se posicionam nas praias de Charitas, São Francisco, Icaraí e das Flechas para acompanhar a procissão, além daqueles que acenam de seus prédios. À tarde, há atrações no bairro, que conta com várias atividades para atender desde o público infantil até o mais idoso. Finalizando o dia do santo, há a “queima” do quadro de São Pedro. Todos os dias acontecem shows seculares depois das 22h, ritmos como pagode, samba, sertanejo universitário são os mais comuns.

Essa festa representa a história da formação de um lugar: a comunidade de Jurujuba. Durante o ano de 1565, aconteceu a divisão da Freguesia de Jurujuba em sesmarias. Mas somente no final do século XVIII, graças à elaboração do “Plano de hua da Bahia do Rio de Janeiro”, de Jozé Correa Rangel de Bulhoens conforme expõe Wehrs (1984) sabe-se da existência de povoação na região. A partir de 1863, há relatos de “índios que formaram uma povoação numerosa que ainda hoje subsiste, povoada de pescadores e alguns fazendeiros” (CASADEFI, 1988). Até os dias de hoje, existe uma colônia de Pescadores em Jurujuba e há intensa atividade de maricultura.

A pesca foi uma atividade econômica local que se reproduziu socialmente durante anos. Segundo a tradição, a primeira procissão marítima que ocorreu apenas na enseada de Jurujuba foi em agradecimento a uma grande pesca de camarão, em 29 de junho de 1923. Desde então (segundo a história oral), a procissão continua a acontecer e a Festa de São Pedro foi se ampliando e hoje conta com um palco de uma rádio popular – a FM O Dia -, barracas de diversos tipos e apoio da Empresa de Lazer e Turismo S/A, a Neltur (empresa pública da prefeitura da cidade).

A Festa e sua celebração reforçam a resistência cultural deste atributo: a devoção a São Pedro, e faz uso dessa condição para desenvolver seu potencial turístico. Por ser um elemento central no bairro, a Festa desperta as mais variadas representações e constitui híbridas identidades. Partindo desse pressuposto, buscou-se compreender neste trabalho a representação da Festa para os alunos de uma turma de 9º ano do ensino fundamental do colégio estadual localizado no bairro usando como apporte metodológico a metodologia Kozel (2001).

Caminhos metodológicos: espaço vivido e representações

Buscando o entendimento de como os sujeitos assimilam a festa, buscamos em Kozel (2009) conceituar o termo representação, para a autora são

construções imagéticas decorrentes da apreensão dos significados e subjetividades espaciais. Assim sendo, refletem a percepção e compreensão sociocultural dos indivíduos, que as produzem perpassadas por diferentes prismas em direção ao representativo / simbólico que se situa na base da relação sujeito /signo/ imagem (KOZEL, 2009, p.1).

O estudo de caso, neste trabalho, é focado na percepção que os adolescentes da turma de 9ºano que participaram da atividade proposta possuem da Festa de São Pedro. Essa percepção é demonstrada a partir da representação elaborada pelos estudantes em formato de imagem – mapa mental - que será decodificada como texto, conforme proposto pela metodologia Kozel (2001).

O mapa mental, na perspectiva da Metodologia Kozel (2001), foi escolhido como apporte metodológico por ser “uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances cujos signos são construções sociais” (KOZEL, 2009, p.1). Para Kozel,

Partindo do pressuposto de que todo signo é uma construção social, portanto, permeada pelos valores culturais, aguçamos nosso olhar sobre as abordagens humanística, social, cultural em direção aos conceitos de espaço vivido, lugar e território. Ao refletir sobre as relações estabelecidas entre o ser humano como indivíduo, com o grupo social, o ambiente e as ações refletidas na organização espacial, voltamo-nos à comunicação e à representação, que reflete a visão de mundo estabelecida pelo grupo social (KOZEL, 2001, p. 17).

Nesse sentido, interpretaram-se os mapas mentais dentro da proposta metodológica prevista, buscando, compreender a percepção cultural e social do grupo e como seu ambiente de vivência reelabora a representação da Festa. Os mapas mentais foram obtidos em oficina realizada no colégio estadual do bairro.

A necessidade de decodificar os significados da Festa de São Pedro dentro da faixa etária entre 14 e 17 anos como parte de uma pesquisa em maior escala desenvolvida desde 2011 no bairro corroborou para a busca de uma metodologia de aproximação aos adolescentes. Já haviam sido realizados trabalhos de campo no local com entrevistas individuais e em grupo, no entanto, todos eram com idade superior a 25 anos. A metodologia Kozel pode ser realizada em qualquer faixa etária, mas

percebeu-se que a proposta do mapa mental seria mais viável a ser realizado com jovens adolescentes dentro um horário determinado em uma escola. A proposta dos mapas mentais pela perspectiva de Kozel (2001) permitiu uma abordagem mais próxima dos estudantes.

Fez-se necessário entrar em contato com gestores da escola para conseguir autorização para realizar a atividade em sala com, pelo menos, uma turma. Neste caso, a turma foi de 9º ano, e havia alunos na faixa etária entre 15 e 17 anos (conforme pré-estabelecido). O primeiro contato com a coordenação da escola foi por intermédio de uma professora já conhecida, devido aos seus projetos em Jurujuba. Durante uma feira anual (novembro de 2017), aconteceu o contato e o primeiro diálogo, na qual a coordenadora pedagógica autorizou a atividade em sala, inclusive contatando a professora de geografia regente da turma. Já naquele primeiro encontro, ficou acordado que a atividade seria feita na semana seguinte.

No dia da atividade, a sala, pouco movimentada, devido à evasão, infelizmente, comum na educação básica brasileira (SILVA FILHO e ARAÚJO, 2017), não paralisou o típico dia de uma aula. Havia muito barulho e agitação. Nesse ambiente, esta pesquisadora foi apresentada pela professora regente de geografia. Com menos alvoroço, a pesquisadora conseguiu explicar seu estudo e solicitou aos estudantes que participassem do processo. Ela deixou claro que não havia obrigatoriedade, que não “valia ponto” e que a participação era voluntária. Alguns aceitaram participar; outros não. A atividade foi realizada com dez alunos.

Para fundamentar esse caminho partiu-se da compreensão de Kozel (2001) que constata que

Cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e consequentemente tem uma visão muito particular dos lugares e territórios. Entretanto, essas representações advêm do simbólico, de uma construção mental decorrente da apreensão de significados, que raramente podem ser desvendados pela razão. Sendo que o termo Representação para nós significa o processo através do qual são produzidas formas, concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante, ou outra realidade. Torna-se interessante, ainda, deixar explícito que, ao nos referirmos ao termo imagem, estamos falando de uma forma de representação que uma pessoa ou um grupo pode fazer de um fenômeno, portanto, trata-se de uma categoria particular e singular advinda da representação do real de modo figurativo. (KOZEL, 2001, p.207)

A percepção individual da festa perpassa a memória construída de forma coletiva, seja do que os jovens ouviram dos pais e dos amigos e das suas experiências no cotidiano da Festa. Essa percepção é representada a partir das imagens, que serão lidas aqui como texto dentro da proposta metodológica em ação. Esses textos, que serão explicitados e decodificados, neste trabalho, refletem as subjetividades dos sujeitos, refletem identidades.

Se “a festa é garantida pela memória e pela permanência e construção dos signos simbólicos aliados aos processos culturais de lembranças e aos momentos vividos por meio de laços afetivos entre os indivíduos” (TEIXEIRA, 2016, p. 118), os mapas mentais aqui interpretados são instrumentos metodológicos cabíveis no processo de investigação.

Apreender o “mundo dentro do mundo” não é uma tarefa fácil para uma proposta científica. Pensar a percepção e o mundo vivido como referencial teórico estabelece diálogo com as teorias fenomenológicas e sociolinguísticas sobre o espaço e sua apreensão/representação.

Kozel (2010) afirma que

O aporte fenomenológico nos permite a reflexão sobre como a consciência apreende as essências a partir dos fenômenos percebidos, não como conteúdo, mas como estrutura do conhecimento. O foco está no sentido que o sujeito apreende as coisas, assim, as imagens a princípio se formam na consciência individual e posteriormente podem ser representadas por meio de signos formando uma imagem. Considerando as formas sínscias como advindas da percepção e representação socioespaciais, propomos como referencial Mikhail Bakhtin (1986), que permite analisar os signos (representados nos mapas mentais) como enunciados. Os mapas mentais como construções sínscias requerem uma interpretação/decodificação, lembrando que estão inseridas em contextos sociais, espaciais e históricos coletivos referenciando particularidades e singularidades (KOZEL, 2010, p.2).

Dessa forma, a pesquisadora Kozel apropria-se da dimensão bakhtiniana de signo e, a partir do conceito de enunciado, evidencia o sistema semiológico como expressão da sociedade numa visão dialógica. Por isso se fundamenta na teoria de Bakhtin (1986) *apud* Kozel (2010, p.3), “onde todo sistema de representação se constitui em dialogismo², onde os significados estão na interlocução, pois o signo só existe dentro de um contexto que lhe dá sentido”.

Nesse sentido, o aporte teórico-metodológico que fundamenta a compreensão do signo pelas imagens dos mapas mentais proposto por Kozel é a fenomenologia e a linguística. A percepção, nessa proposta, é fundamental para compreender os aspectos do cotidiano dos sujeitos. O mundo vivido comprehende todos os sentidos do indivíduo em relação a algo ou alguma coisa. O corpo sente e o codifica a partir da linguagem. Merleau-Ponty (2004) inicia seu texto com a seguinte afirmação:

“[...] o mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentimentos e pela experiência de vida, parece-nos, à primeira vista, o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter-se acesso a ele. Aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixamos viver para nele penetrar” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.2).

² “Na perspectiva bakhtiniana, tanto o método como o objeto das ciências humanas são dialógicos, produtos do diálogo entre interlocutores e diálogo entre discursos. Para ele ‘ser significa comunicar-se [...]’, pois a vida é dialógica por natureza’. O dialogismo diz respeito às relações estabelecidas entre eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente entre os sujeitos, que refletem e incorporam esses discursos, destacando não apenas como fala individual, mas como elo de significações, entrelaçando e perpassando os discursos. Não se trata de apenas mais um conceito entre tantos, mas nesta perspectiva imprescindível para o estudo e compreensão da linguagem sínica inerente as representações do cotidiano” (KOZEL, 2009, p.3).

A percepção corporal apresentada por Merleau-Ponty (2011) aponta um sujeito que em si mesmo se descobre a soma, “corpo e alma”, mediante a qual ele é qualificável como poder de expressão, espírito, produtividade criadora de sentido e de história, é o corpo-sujeito. Esse corpo sente, atua, transforma e se transforma, representa. Dessa forma, sua afirmativa (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 2 -3) desponta no sentido de que “o mundo é em grande medida ignorado por nós porque permanecemos com uma postura prática ou utilitária, e que precisamos fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer”. Deveria ser “fácil” penetrar no mundo da percepção, mas não o é.

Assim, umas das premissas do conceito de espaço vivido na geografia é o de compreender o mundo dos sujeitos a partir da percepção. A centralidade dessa abordagem é o homem, o ser vivente no mundo, tendo em vista a compreensão da estrutura e dos significados sociais. Assim sendo, numa perspectiva cultural, é impossível compreender as trajetórias dos sujeitos a partir das relações geométricas, pois a experiência humana se transforma por meio das práticas sociais. A categoria de análise mais utilizada para esse recorte é o lugar, pois é onde acontecem as histórias dos indivíduos e as trajetórias transformam-se em vivências. Kozel afirma que

Se a representação do trajeto traduz a organização do espaço e as referências correspondem a conceitos topológicos de separação, ordem, associação, posição e conexão, a partir desta abordagem eles passam a se constituir apenas em referências simbólicas, visto que eles trazem consigo as significações pessoais, que têm suas origens nos valores culturais, pois a cultura, apesar de representar valores coletivos, também se referem a cada um em particular (KOZEL, 2001, p. 147).

Com base nessa interpretação, comprehende-se a importância dos mapas mentais para analisar um determinado fenômeno, já que, embora haja a representação coletiva sobre algo, os signos individuais aparecerão nesse contexto, apontando para uma compreensão da identidade num diálogo entre o indivíduo e o coletivo, como ficará evidente na análise dos mapas mentais posteriormente.

A identidade se constrói à medida que os indivíduos se reconhecem enquanto pertencentes a um grupo social. Os códigos que sistematizam essas relações são muitos, os mapas mentais corroboram para compreender e identificar esses códigos. Embora a Festa de São Pedro seja representada coletivamente na figura do santo (festa religiosa católica), na procissão marítima e na capela iluminada (geossímbolos³ da festa, conforme pode-se observar nas figuras 03 e 04), há outras significações que perpassam as histórias individuais dos sujeitos que frequentam a Festa.

³ Para Bonnemaison (2012, p.292) “um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Figura 03: Procissão Marítima



Fonte: A autora, 2018

Figura 04: Capela Iluminada



Fonte: A autora, 2017

Para representar um lugar ou decodificar uma imagem desse lugar, investiga-se o significado, que está baseado na dimensão do “sistema de signos, relacionando significado/ significante, homem/imagem” (KOZEL, 2013, p.60), preocupando-se como as informações serão transmitidas e decodificadas. Freire (1995), segundo Kozel (2013), explica que os “mapas articulam o real e o imaginário, definem cartografias e não podem ser desvendados pela razão” (p.64). O enfoque comportamental, os mapeamentos cognitivos, o conceito de espaço vivido em direção às representações permitem uma decodificação dos mapas mentais por um olhar da geografia cultural, permitindo ao pesquisador compreender os aspectos mais profundos da imagem/ texto que está sendo interpretada. Concordando com a perspectiva de Kozel (2013):

As representações na geografia têm por objetivo entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por experiências, temporal, espacial e social, existindo uma relação direta e indireta entre as representações e as ações humanas, ou seja, entre a representação e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento. (KOZEL, 2013, p.66)

A partir das premissas apresentados ao longo do texto, busca-se, agora, analisar dez mapas mentais. Para compreender, interpretar e analisar os mapas utilizou-se como suporte a Metodologia Kozel que propõe que os conteúdos dos mapas mentais sejam analisados pelos seguintes quesitos:

1-Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem (como ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras geométricas);

2-Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem (as formas podem aparecer dispostas horizontalmente, de forma isolada, dispersa, em quadros em perspectiva);

3-Interpretação quanto à especificidade dos ícones:

- . Representação dos elementos da paisagem natural;
- . Representação dos elementos da paisagem construída;
- . Representação dos elementos móveis;

- . Representação dos elementos humanos.
- 4- Apresentação de outros aspectos ou particularidades.

Descortinando significados: “cada um indivíduo tem sua própria relação com o mundo”

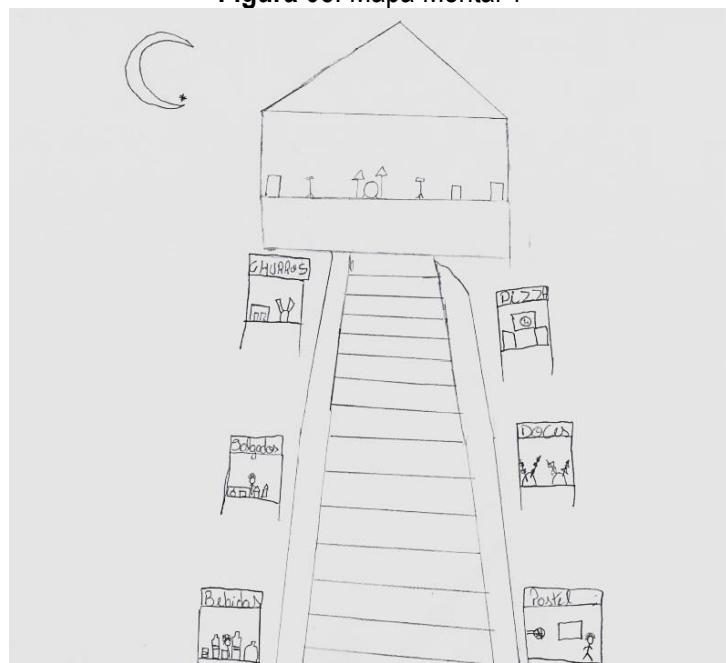
Kozel escreve que “cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e consequentemente uma visão muito particular dos lugares e território” (KOZEL, 2013, p. 64), neste sentido, a análise dos mapas aqui tem por objetivo descortinar diferentes significados, não busca-se explicar, mas explicitar impressões a partir da leitura dos mapas. Pode-se obter uma maior compreensão, sobre a lógica dos atores e sua relação com o espaço vivido e os discursos estabelecidos, por meio dos signos. A metodologia proposta por Kozel tem sua base teórica na filosofia da linguagem bakhtiniana, propondo analisar os signos como algo que reflete uma construção social e cultural, referendando uma determinada visão de mundo (KOZEL, 2009).

Kozel defende que

As pessoas constroem o sentido de espaço, não somente pela atividade consciente do pensamento teórico, mas, sobretudo pelo conhecimento intuitivo do espaço que passa a ser expresso. Ao criar formas de mundo, estabelece sentidos que expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado (KOZEL, 2013, p. 64).

Analizando os mapas mentais, considerou-se, a priori, o gênero, faixa etária, religião e o lugar em que os alunos moravam. A memória coletiva referente a festa se constrói no diálogo cotidiano dos corpos-sujeitos que experenciam a festa, e essas (experiências) são vividas e revividas individualmente dentro e/ou fora do contexto da Festa. Buscou-se desvendar algumas paisagens da memória dos estudantes que realizaram a atividade. Foi solicitado aos estudantes que desenhasse o que a festa de São Pedro significava, representava para eles. Foi-lhes oferecido papéis tamanho A4 nas cores branco, rosa e azul e também lápis de cor e lápis comum, cada um escolheu seus papéis e lápis. A escolha das cores não foi estabelecida *a priori* como hipótese, mas pela disponibilidade prática dos materiais que havíamos em posse. Vamos aos mapas!

Figura 05: Mapa Mental 1



Fonte: A autora, 2017

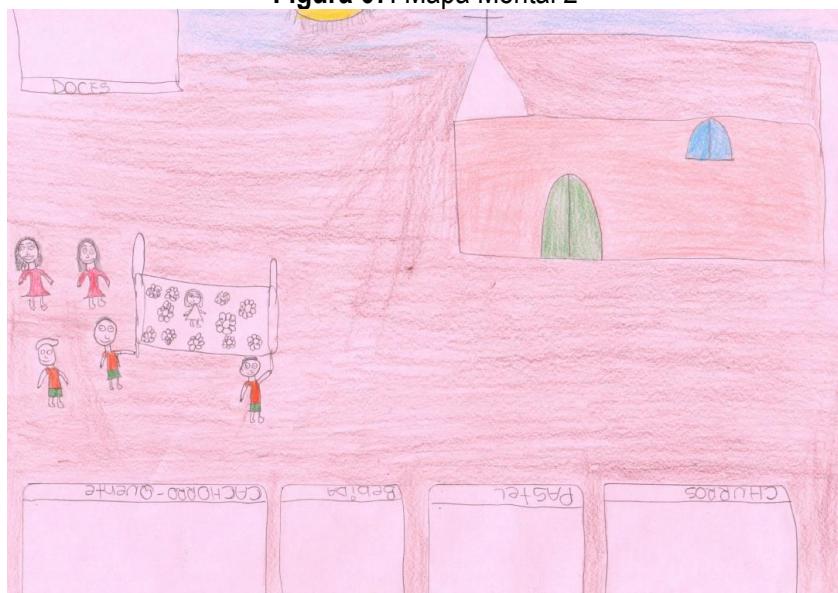
Mapa Mental 1: Menino, 14 anos, católico, não morador de Jurujuba. Na figura 05 podemos perceber a presença maciça da lógica geométrica, quadrados, retângulos, triângulos. Os elementos se comportam de forma ordenada: as barracas de comidas ficam no caminho que leva até o palco onde ocorrem os shows à noite. Os ícones do mapa refletem os elementos humanos, construídos pelos homens; as barracas, a própria ideia de ordenamento da rua. Repara-se que o único elemento natural escrito na imagem/ texto é a lua. Assim, retrata-se e reafirma-se a Festa de rua, que ocorre à noite. Esse momento traz significado para esse sujeito. Observe a figura 06, trata-se de uma fotografia, no momento da Festa, numa observação de campo, em 2016, pela autora. O sujeito que construiu o mapa mental 1 (Figura. 05) representou, em sua imagem/texto, esse caminho, a partir de suas construções imagéticas, suas vivências e momentos. Importante refletir sobre o fato de o sujeito não ser morador do bairro de Jurujuba, onde a Festa é realizada, e se considerar católico.

Figura 06: Festa de São Pedro



Fonte: A autora, 2016

Figura 07: Mapa Mental 2

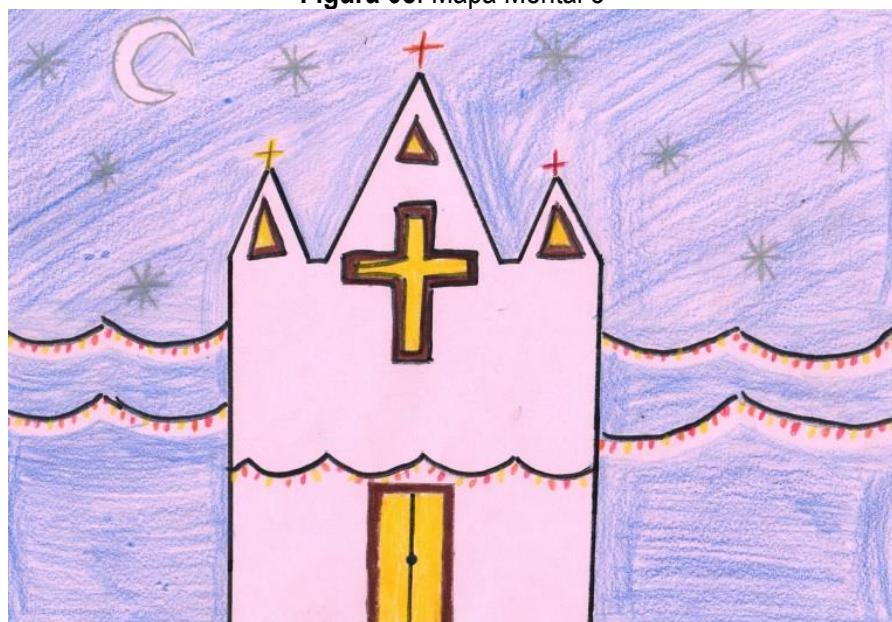


Fonte: A autora, 2017

Mapa Mental 2 – Menina, 15 anos, católica, moradora de Jurujuba. A figura 07 possui desenhos geométricos, como as barracas de doces e salgados, quadradas e retangulares. Além de a capela estar representada, diferentemente do mapa mental 1 (Figura 05), esse retrata o dia, o Sol, que está em semi destaque. Importante perceber um grupo de pessoas carregando algo, como se seguisse uma procissão, mas a imagem carregada é de uma mulher entre flores, no entanto, o santo que representa a Festa é masculino, São Pedro. O colorido chama a atenção em relação ao mapa anterior, que é preto e branco. Na figura 07 as barracas estão representadas com os nomes do que se vende,

as pessoas estão expostas na rua. Os espaços vazios também são um destaque, embora a autora do mapa tenha usado toda a folha A4 para representar a (sua) festa.

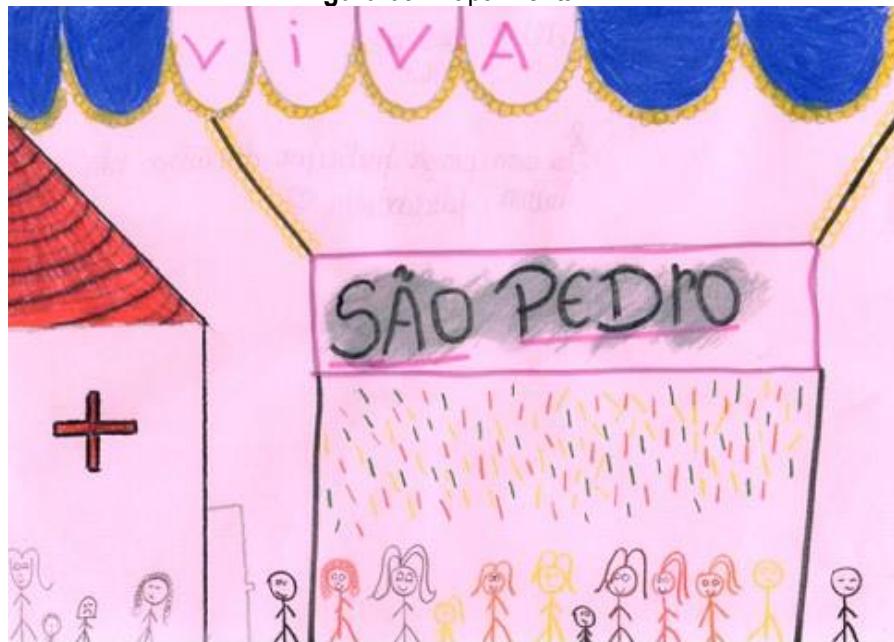
Figura 08: Mapa Mental 3



Fonte: A autora, 2017

Mapa Mental 3 – Menina, 14 anos, católica, não moradora de Jurujuba. A figura 08 possui uma única imagem central: a capela. A representação geométrica concentra-se apenas na construção da capela, muito colorido. Há linhas e não há uma distribuição espacial dos elementos, e sim a centralidade da figura da igreja. Retrata-se a noite. A capela com cores de amarelo, vermelho e laranja pode estar a representar a iluminação da igreja. A estudante católica e não moradora do bairro encontra, na figura da igreja, sua representação, significação da Festa. Pode remeter ao fato de essa aluna, em algum momento, ter participado da festa. Importante notar que não há letras nem elementos humanos na imagem/texto.

Figura 09: Mapa Mental 4



Fonte: A autora, 2017

Mapa Mental 4 – Menina, 16 anos, católica, moradora de Jurujuba. A figura 09 apresenta-se em ícones e figuras geométricas, com letras indicando o “Viva São Pedro”. Os elementos estão postos em perspectiva bidimensional. É possível observar a prevalência de elementos da paisagem construída, como a capela – simbolizada pela cruz – e o palco de shows – representado pelos riscos coloridos indicando, possivelmente, as luzes do palco que são coloridas e animam os espectadores. A presença dos elementos humanos é marcante: há pessoas na igreja, há pessoas em frente ao palco e, possivelmente, os dois humanos mostrados em cada lado do palco representam os seguranças que ali se localizam. Não há lua ou sol, mas a presença do show e da missa significa que a representação é dada pela noite, já que as missas ocorrem às 19h, e, às 22h, começam os shows. A presença do colorido é bastante marcante.

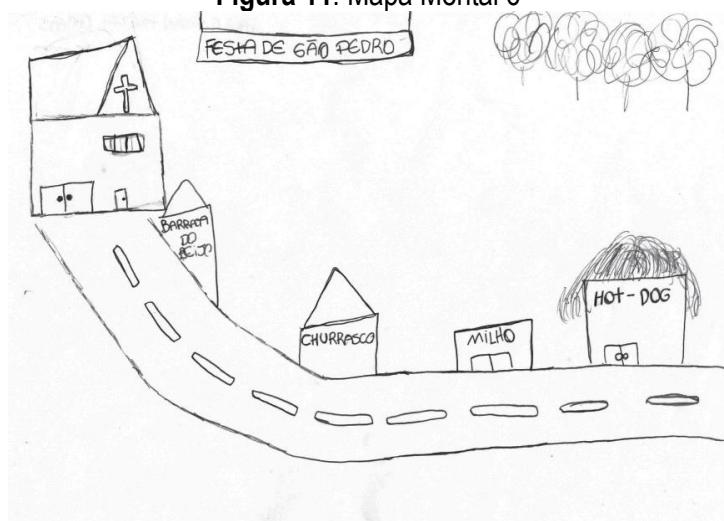
Figura 10: Mapa Mental 5



Fonte: A autora, 2017

Mapa Mental 5 – Menina, 15 anos, católica, não moradora de Jurujuba. A figura 10 apresenta as formas geométricas presentes na construção dos barcos, linhas; e sua dispersão está em perspectiva ao evento da procissão marítima, onde os barcos estão ornamentados e coloridos sobre a Baía de Guanabara, e está sol. Essa imagem/texto apresenta muitos elementos naturais: o céu, o sol, os pássaros, o mar e, como elemento da paisagem construída, há os barcos, que também se representam como elementos móveis. No entanto, essa é a segunda imagem/texto em que não há letras nem elementos humanos. Para a estudante, a Festa de São Pedro é representada pela figura da procissão marítima.

Figura 11: Mapa Mental 6



Fonte: A autora, 2017

Mapa Mental 6 – Menino, 16 anos, católico e morador de Jurujuba. Na figura 11 pode-se observar figuras geométricas, linhas, letras e ícones (a cruz). Os elementos possuem uma ordem referente a ordem em perspectiva da própria festa. Acredita-se que o menino tentou desenhar em perspectiva de quem observa a festa do mar, compare com a figura 12. Observa-se que o menino desenhou um caminho até a igreja, mas apenas de um lado há barracas e por detrás delas há árvores ao fundo, diferentes da figura 05, onde o menino desenhou o caminho para a igreja em perspectiva de quem está na rua. Dos elementos da paisagem natural pode-se observar as árvores (e implicitamente a ideia de mar, embora ele não tenha desenhado), dos elementos da paisagem construída, há a igreja, as barracas (que também são elementos móveis) e não há elemento humano. Há uma placa ao fundo escrita “Festa de São Pedro”. O mapa foi feito em preto e branco.

Figura 12: Jurujuba vista do mar



Fonte: A autora, 2019

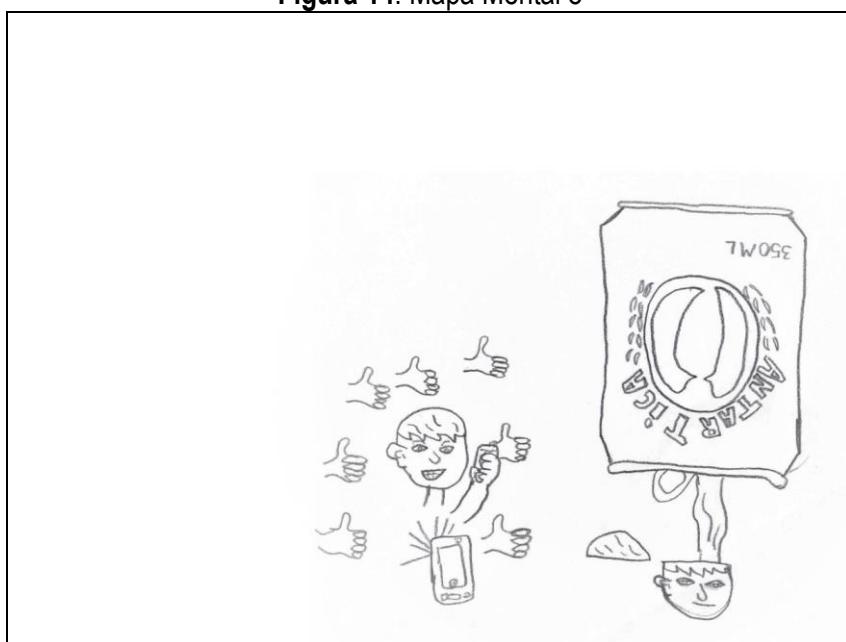
Figura 13: Mapa Mental 7



Fonte: A autora, 2017

Mapa Mental 7 – Menino, 15, anos, evangélico, não morador de Jurujuba. A figura 13 difere de todos os mapas anteriores. A representação quanto a forma se apresenta com ícones diversos e distribuição dos elementos se deu de forma focal, uma única imagem. O único ícone central é o humano. O desenho retrata um jovem negro, com uma camisa escrita “Nada me sufoca, porque rap é oxigênio”, segurando uma garrafa de “Cantina da Serra”. Do lado superior direito da imagem está escrito “In fase”. No canto superior esquerdo escreveu o jovem “Festa de São Pedro”. Acredita-se que a festa para ele significa diversão com música e bebida. O que percebe-se, no entanto, é que o menino que desenhou se intitulou como evangélico e não morador do bairro.

Figura 14: Mapa Mental 8



Fonte: A autora, 2017

Mapa Mental 8 – Menino, 15 anos, sem religião, morador de Jurujuba. A figura 14 também se diferencia entre as figuras gerais, no entanto, ela se vincula a figura 13 por trazer a bebida como ícone importante a ponto de merecer destaque. Linhas e letras dão forma a imagem, o desenho é retratado de forma isolada no canto inferior direito (a borda foi colocada pela autora para demonstrar os espaços em branco). O único ícone com destaque central é o humano, representado por duas cabeças que simbolizam apenas uma. Na primeira cabeça, o cérebro tá aberto recebendo cerveja antártica, e na segunda cabeça, há um braço com uma mão segurando um smartphone e ao redor várias mãos simbolizando *likes*.

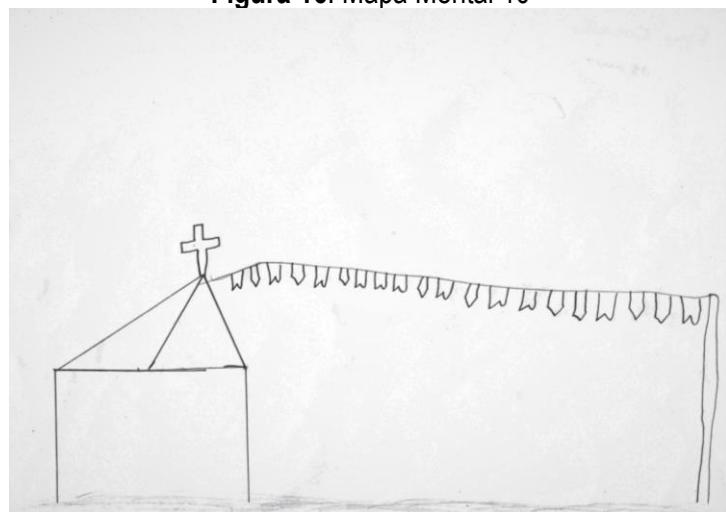
Figura 15: Mapa Mental 9



Fonte: A autora, 2017

Mapa Mental 9 – Menina, 15 anos, evangélica e moradora de Jurujuba. A figura 15, se apresenta com ícones que remetem a procissão marítima, observamos as figuras geométricas usadas na construção dos barcos, os elementos da paisagem natural limitam-se ao mar e ao sol, e, os elementos da paisagem construída são os barcos distribuídos horizontalmente na folha de A4 rosa . Não há elementos humanos. Nota-se que o desenho é colorido e toda a folha foi usada para construir a representação da festa.

Figura 16: Mapa Mental 10



Fonte: A autora, 2017

Mapa Mental 10 – Menino, 15 anos, evangélico, morador de Jurujuba. A figura 16 disposta horizontalmente em preto e branco, apenas com a ideia de uma igreja que pode ser compreendida pelo

ícone da cruz, e uma linha com bandeirinhas trazendo a ideia de festa junina. As linhas ganham centralidade. Não há elementos humanos ou da paisagem natural na imagem.

As memórias engendram significados na vida cotidiana com base no sentido de lugar que os sujeitos estabelecem a partir da construção sujeito/signo/ imagem. As histórias contadas nos mapas mentais são representações da Festa de São Pedro que retratam memórias e apontam os sentidos plurais do lugar e da festa. As identidades se revelam nas representações que os atores sociais, nesse caso, os estudantes, construíram em seus mapas mentais.

A identidade é sustentada por um conjunto de práticas e ações individuais e coletivas que fortalecem as relações sociais, culturais, econômicas e políticas de um determinado grupo social. Para Dourado et al.

A identidade se constrói, então, pelas histórias de vida das pessoas e famílias, pela história de grupos, comunidades e países; pelas coisas próprias que são produzidas em cada lugar, por exemplo, como se planta, como se colhe, como se pesca, como se criam os filhos, como se come, como se fala. A identidade é, permanentemente, construída e vivida no dia a dia, produzindo e até mesmo renovando o saber fazer bolsas e cestos de palha de juncos e taboa, redes, tarrafas e covos, uma boa moqueca; saber o tempo de colher a mangaba, limpar os coqueiros e colher seus frutos... Esses são exemplos de atividades corriqueiras, mas que, quando praticadas como referências das comunidades, mostram suas identidades culturais. A identidade é, pois, afirmada pela cultura e pela história, ou seja, pela memória individual e coletiva daqueles que produzem dando significado às suas vidas (DOURADO, VARGAS, SANTOS, 2015, p. 8 e 9).

Isto posto, pode-se compreender a memória enquanto um constructo social renovado cotidianamente pelas experiências dos sujeitos em coletividade. O que não significa a não existência da competência psíquica individual das lembranças, entretanto, até mesmo nas lembranças individuais está implícita a coletividade do momento a ser lembrado. A memória social é o vínculo entre indivíduo e sociedade, entre os estudantes e a Festa, entre os estudantes e seu lugar, assim podem-se tratar de memórias ao invés de uma única memória.

Nessa perspectiva, as memórias que se constroem estão a forjar uma identidade coletiva que também é individual. Segundo Le Goff (1990, p.476), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. À medida que o indivíduo se reconhece no ambiente e/ou se integra no circuito do símbolo construído, neste trabalho, a Festa de São Pedro dos Pescadores de Jurujuba, a identidade se apresenta e é representada no mapa construído. Nesta perspectiva citamos Kozel que afirma: “o fato cultural é portador de sentido e gerador de significados, variando de pessoas para pessoas, sendo que o mundo é construído na troca de significações, intermediado por mensagens que resultam no ser social” (KOZEL, 2013, p.64). Assim, o mundo vivido é subjetivo, é construído pelas

relações sociais, os laços de afetividade que foram existindo ao longo da existência do indivíduo, dotando-o da condição de ser social.

Ao interpretar cada mapa mental, pode ser constatar que, a partir da metodologia empregada, as imagens/textos mostram as representações de um imaginário coletivo, como foram observados nas figuras da Capela, figuras 7, 8, 9, 11 e 16; da procissão marítima, figuras 10 e 15; os shows que acontecem à noite, figuras 5 e 9; as barracas de doces e salgados representando a festa, figuras 5, 7 e 11. Ao ler essas imagens/textos, observa-se que a enunciação pautada na perspectiva bakhtiniana é facilmente reconhecida quando se conhecem os códigos sócio-culturais do grupo social. Algumas figuras da festa são fundamentais no contexto de sua tradição. A capela iluminada e a procissão marítima, por exemplo, são símbolos que marcam a Festa no bairro de Jurujuba e foram observadas nos mapas construídos, no entanto, mesmo com esse constructo social, as representações cotidianas, do campo da individualidade, também estiveram presentes nos mapas.

Para o estudante que construiu o mapa 1 (fig. 7), a festa tem importância à noite, porque cria-se um caminho para a diversão a partir do show a ser apresentado. Os mapas construídos por meninas, por exemplo, num recorte de gênero, são todos coloridos, com muito rosa, cor tipicamente referente a mulher. Há consciência neste trabalho de que as cores não possuem gênero, no entanto, também há consciência do processo de construção social imposto às cores, para diferenciar o gênero feminino do gênero masculino. Como exemplo, o azul seria masculino e o rosa feminino, e, muitas vezes, essas construções são incorporadas pelos sujeitos os quais são submetidos. No estudo em questão, as meninas escolheram papéis coloridos para escreverem seus mapas mentais, e os meninos escolheram o papel branco e usaram apenas lápis (exceto a figura 13). A presença do show à noite, retratado no mapa 4 – figura 9, reflete a presença da estudante naquele momento ou seu desejo de ir, porque ela faz questão de destacar a imagem do palco.

Os mapas 7 – figura 13 e 8 -figura 14 “fogem à regra” aparente, mas o fato de duas pessoas retratarem esse imaginário nos confirma a perspectiva coletiva. Os dois estudantes retrataram a festa como lugar livre para consumir bebidas alcoólicas, e eles possuem 15 anos de idade. Ao questionar o estudante que desenhou o mapa 8 - figura 14 o significado da imagem, verificou-se a autopromoção positiva. Segundo o estudante, a imagem se refere ao seu amigo, que ao participar da festa de São Pedro, bebe e posta no facebook para receber muitas curtidas (*likes*).

Em turma, após a atividade dos mapas mentais, foi realizada uma “conversa” para compreender o porquê alguns não quiseram participar da mesma. Alguns meninos responderam que não gostam de desenhar; outros apenas não quiseram, mas uma fala foi bastante oportuna: “Eu não quis participar porque você perguntou o que a festa significa/ representa para mim, e para mim a festa

não significa nada. Ela existindo ou não existindo, não fará diferença nenhuma para mim." (Menina, 15 anos, não moradora do bairro, evangélica).

Essa fala pode ajudar a compreender a importância do pertencimento, identidade- lugar. Não é possível afirmar apenas com uma fala que se trata de intolerância religiosa, pois, em trabalho anterior (CAXIAS, 2017, p. 5798), pode-se conferir, em entrevista no bairro, com uma moradora evangélica, que a Festa "representa distração e lazer, por ser difícil ter outra coisa". Destaca ainda: "é uma festa simbólica e atrai muitos turistas e aumento de renda". O que se pode apreender é que a relação simbólica com o lugar – o pertencimento - influencia na percepção da Festa e sua apreensão enquanto significado cultural, como foi possível observar na fala da jovem estudante não moradora de Jurujuba e da senhora moradora de Jurujuba.

Conforme Kozel (2013, p.68) aponta, "as representações sociais sempre estiveram implícitas na visão espacial dos povos, retratando aspectos culturais e valores, em princípio, provenientes do senso comum, retratando trajetos e lugares." A Geografia das Representações permite elaborar um conhecimento espacial pelos sujeitos, em sua realidade engendrada, a partir do real e do imaginário. No mapa mental 2 – figura 7, por exemplo, a estudante retrata um grupo de pessoas com uma faixa e, nesta, a figura de uma mulher entre flores. Essa imagem reforça a ideia de que o real está sempre na interface da objetividade e subjetividade e referenda uma visão de mundo (inclusive o que deseja-se desse mundo).

Reflexões finais: um mundo de significados

Este trabalho se propôs a apresentar a Festa como um fenômeno socioespacial, carregado de signos e significados, que emerge em distintas representações e pluralidades perceptivas. Em uma construção sínica individual, a partir dos mapas mentais, a Festa de São Pedro reafirma histórias, memórias e identidades.

Teixeira (2016, p.176) afirma que "o ser humano se percebe como ser no mundo com base em como ele é, onde ele vive e em suas atitudes na trajetória cultural". Assim, foi possível observar o quanto as relações culturais e sociais influenciam no imaginário dos sujeitos. As suas formas de experimentar/ perceber a Festa está vinculada a sua condição de pertencimento com o lugar.

Na proposta deste texto, buscou-se tangenciar os aspectos/ categorias da metodologia Kozel a fim de interpretar os dez mapas mentais dentro da compreensão do imaginário coletivo e as diferentes representações socioculturais da Festa em suas distintas individualidades. Desta forma, confirmou-se que o imaginário coletivo reverbera diferentes individualidades devido a inserção dos sujeitos em grupos sociais diversos. Deixa-se claro que a proposta não poderia tabelar dados qualitativos, mas

avaliá-los dentro da compreensão de que o fato cultural influencia na construção sociocultural dos sujeitos que estão inseridos em um determinado grupo social. Neste trabalho, sendo católicos ou não, e morando ou não no lugar Jurujuba.

Foi mostrado um breve histórico da Festa de São Pedro e do dia do santo, considerado o mais importante, indo em direção à concepção de espaço vivido para fundamentar a leitura dos mapas a partir dos signos e significados. Portanto, foi possível perceber que as memórias são construídas a fim de forjar identidades, e a Festa contribuiu para essa produção de memória e também é produto dela.

Dessa forma, pode-se observar um mundo de significados que contextualizam as pluralidades expostas nos mapas mentais: as representações sociais só podem ser múltiplas. Os mapas mentais foram muito importantes como instrumento para se apreender como os jovens olham e vivem a Festa de São Pedro, como dados empíricos, tornaram possível abranger os significados que compõem o imaginário dos adolescentes frente a uma festa que tem, no mínimo, 124 anos.

Essa leitura dos mapas por meio da percepção só foi possível devido à estrutura criada pela Geografia Cultural, na qual Kozel (2001) foi uma das pioneiras. Considerou-se refletir sobre as construções cartográficas para além da geometria, buscou-se compreender as estruturas sociais e culturais que compõem as diferentes formas de fazer um mapa e lê-lo.

Assim, concluiu-se que os mapas mentais corroboraram para assimilar a Festa como tradição, mesmo que a todo tempo reinventada, já que a cultura é dinâmica. Mostrou-se eficiência no trabalho de apresentar pluralidades de olhares e percepções, e, dessa forma, atingiu o objetivo de descortinar as diferentes representações da Festa de São Pedro dos Pescadores de Jurujuba.

Referências

- BONNEMaison, Jöel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDALH, Z. (org.) *Geografia cultural: uma antologia* (1). Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.
- CASADEI, Thalita de Oliveira. *A Imperial Cidade de Nictheroy*. Niterói, RJ: Serviços gráficos Impar, 1988.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.2, São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAXIAS, Denise David. *Viva a São Pedro!: a força da devoção desenhando territórios*. In: XII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE. 2017, Porto Alegre. Anais do XII Enanpege, 1º edição. 2017. 5791 – 5801 p.
- DOURADO, Auceia Matos; VARGAS, Maria Augusta Mundim; SANTOS, Rodrigo Herles dos. *Patrimônio e Identidade: nossas referências*. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe. (EDISE), 2015.
- INAUGURAÇÃO da Escola da Colônia Z11. *O Fluminense*, Niterói, 29, junho, 1921, p. 1.
- JURUJUBA. *O Fluminense*, Niterói, 27, junho, 1896. Seção Declarações, p.3.

KOZEL, Salete. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. Revista *Geograficidade*, v.3, número especial: primavera. Rio de Janeiro, p. 58 – 70, 2013.

_____. *Representação do espaço sob a ótica, dos conceitos: mundo vivido e dialogismo*. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS: CRISE, PRÁXIS E AUTONOMIA: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIAS E DE ESPERANÇAS. 2010, Porto Alegre. Anais do XVI ENG: AGB. 11p. 2010.

_____. As *linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica passível*. In: XII ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2009, Montevidéu. Memorias XII Encuentro de geógrafos de América Latina, 2009.

_____. *Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “capital ecológica”*. 316 f. Tese. (Doutorado em Geografia Física) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LE GOF, Jacques. *História e memória*; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 4º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. Conversas, 1948. Tradução Fabio Landa; Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MOTTA, Roberto. *Prólogo: Festa, Duvignaud, Excesso e subjetividade*. In: PEREZ, L. F. *Festa, Religião e cidade: corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

RIBEIRO, Maisa Vasconcelos. *Capela de São Pedro de Jurujuba*, [2013]. Blog Capela São Pedro. Disponível em: <<http://capeladesaopedro.comunidades.net/>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

SILVA FILHO, Raimundo Barbosa; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. *Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências*. Educação Por Escrito, v. 8, n. 1, p. 35-48, 29 jun. 2017.

TEIXEIRA, Maisa França. *As representações espaciais/simbólicas e os sentidos do lugar da festa do boi-à-serra em Santo Antônio de Leverger/MT*. 200 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curitiba, 2016.

WEHRS, Carlos. *Niterói, cidade sorriso – a história de um lugar*. Niterói, RJ. 1984.